J. Leite de Vasconcellos

Uma excursão ao Sojo

J. LEITE DE VASCONCELLOS

UMA EXCURSÃO AO SOAJO

NOTAS NUMA CARTEIRA

BARCELLOS

TYPOGRAPHIA DO TIROCINIO

1882

Ao distinct glottolog
Dr. F. A. Coelho
off.º a.

UMA EXCURSÃO AO SOAJO

NOTAS NUMA CARTEIRA

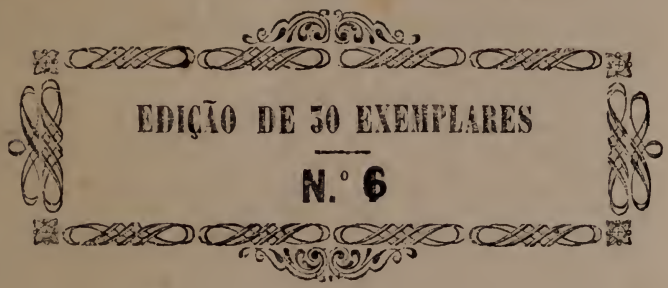
POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

BARCELLOS

TYPOGRAPHIA DO TIROCINIO

1882.


EDIÇÃO DE 50 EXEMPLARES
N.º 6

UMA EXCURSÃO AO SOAJO

Nada existe que não obedeça a uma evolução constante: antes dos palacios sumptuosos houve a humilde cabana e a gruta de terra; antes da espada de copos rendilhados houve o chuço tostado que Camões ainda memora nos Cafres, e a lascada arma de silex; antes dos quadros de Raphael houve a pintura grosseira representada a cada passo nas *alminhas* das nossas aldeias, e na *tatouage* dos selvagens; antes da imprensa houve o manuscripto, e antes d'este os rudes *quipos* dos Peruvianos; antes do manto dourado e roçagante dos Pápas romanos houve as pelles do Laponio e as folhas de figueira do mythico Adão. Resumindo todos estes progressos parciaes, vê-se que a humanidade, para alcançar a perfeição deslumbrante da epocha actual, passou por phases muito simples; mas, assim como no estudo de um organismo vegetal ou animal chegado a certo desenvolvimento, se pódem ás vezes reconhecer orgãos atrophiados, tambem na historia da humanidade existem povos que apresentam uma atrophia relativa, um vestigio evidente de uma epocha anterior de civilisação: esses povos são, em geral, os selvagens, e, num certo grau, os aldeões, distinguindo-se nestes os serranos.

D'entre o grande numero de serras de Portugal ouve-se frequentemente fallar do Soajo como de um povo primitivo, que conserva uma especie de organisação social propria, um dialecto, e varios costumes verdadeiramente curiosos e extraordinarios. Eis o que levou um certo numero de individuos, e com elles o que escreve estas linhas, a emprehenderem uma excursão áquella serra: assim se apuraria a verdade. Os pontos de reunião forão successivamente Vianna do Castello e Ponte do Lima. A excursão póde porém dizer-se que partiu da casa de Paço-Vedro, junto a Ponte da Barca.

Depois de alguns instantes de estrada *macadam*, e de algumas horas de caminho de aldeia, na margem direita do Lima, durante as quaes encontrámos, por ex., o povo de Grassão, cujas habitações teem ao lado casas terreas cavadas no monte, e lá chamadas *barracas de suchão* (sub-chão), para guarda da *fazendinha* (cabras, ovelhas, etc.), ou para taberna,—chegámos em fim á serra sobre a qual assenta a povoação do Soajo.

A manhã estava um pouco nevoenta, e de vez em quando cahiam borrifos de chuva; mas era agradavel, ainda assim, jornadear, ora debaixo de verdes latadas cobertas de cachos, ora através de campinas vestidas de cannas de milho, ou de montanhas bravias povoadas de penedos enormes,— umas vezes ao som das alegres cantigas das aldeãs que guardavam os gados nas *brandas*, outras ao murmurio romantico das aguas do Lima, que, segundo a lenda popular minhota (com-

mum a outras terras e ao estrangeiro, (1), é dos tres rios, que no principio do mundo se deitaram a dormir, o unico que tem o dom da *falla* (sussuro das aguas).

A' proporção, porém, que iamos vendo e interrogando os indigenas do Soajo, as minhas utopias de achar alli um dialecto e uma civilisação primitiva iam a pouco e pouco desapparecendo: os soajeiros eram gente como os mais.

Apenas entrámos na povoação, vimos logo algumas casas grandes, e a egreja parochial com as suas paredes brancas como lençóes de neve, e as suas pyramides erguidas a apontarem o ceu, como suspiros de peccadores. Cada vez as desillusões augmentavam por consequencia.

O Soajo tem á entrada uma fonte com uma inscripção, que algum archeologo de meia tigela supporia egypcia, mas que, depois de algum trabalho, se viu ser *Manuel Cruz*, nome do artifice. Uma cantiga popular celebra esta fonte e o pelourinho que campeia no meio da praça, composto unicamente de uma columna muitissimo tosca, com uma cara e por cima uma

---

(1) Vid. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, § 170, e not. 60, e *a lenda*. Cf. tambem *Pero Gallego*, n.º 30 (*As lendas da Serra da Estrella*, por F. A. Coelho).

A lenda soajeira diz: Deitaram-se a dormir o Lima, o Minho e o Douro; o Lima *ascordou* (acordou) e chamou pelos outros, mas elles não fallaram, pelo que ficaram mudos; o Lima, como fallou primeiro, conservou o dom da falla e sempre teve que comer (allude ás margens productivas.)

pedra triangular, que parece a aba de um chapeu de tres bicos,—obra, segundo a tradição, feita pelos *natarias* (donatarios ?) :

E'sta gente de Soajo
Dá de *buber* a quem passa ;
Tem a fonte na estrada,
E o pelourinho na praça.

O Soajo foi villa, e ainda hoje os moradores, quando fallam nelle, dizem *a villa*. Uma vez, segundo a lenda (commum a outras terras : a Barrellas, por ex., na Beira-Alta), um juiz do Soajo deu esta sentença :

Que o homem morra,
Que não morra ;
Dê-se-le o nó que num corra; (2)
Degradado por toda a vida,
E cem annos para se preparar; (3)

o juiz foi chamado creio que ao Porto, á Relação, e, como lhe não dessem cadeira para se sentar, sentou-se no capote, deixando-o depois ficar, e dizendo que «o juiz do Soajo não costumava levar a cadeira em que se sentava».

---

(2) Allude ao nó da forca.

(3) Parece que esta sentença era em verso.

A egreja não tem nada de notavel; a antiga cadeia, miseravel casebre, mais proprio de um cortêlho, do que de uma mansão de homens, serve, em parte, de casa de eschola. Em volta da povoação avultam muitos cannastros de pedra ou de vergas para conter o milho, collocados sobre pilares encimados de pedras redondas para evitar a acção dos ratos.

O clima do Soajo parece um pouco temperado; o terreno é extremamente productivo, existindo até uma tradição de que o Soajo se chama assim, por ser *só* em tudo, isto é, por ter sido povoado sósinho, e, porque, quando elle não dá fructos, tambem as outras localidades os não dão (4).

Os soajeiros, apesar do dictado contra elles,

Soajeiros
Bréjeiros,

que ouvi ao pé de Castro-Laboreiro, cujos habitantes se chamam *crastejos* (de *Crasto*, por *Castro*), são agradaveis, hospitaleiros, e nada desconfiados, ao contrario

---

(4) Por eu expor esta e outras etymologias populares não se segue que eu creia nellas. O povo explica sempre tudo, e é essa tendencia que eu quero assignalar. E' certo, porém, que em muitos livros ha etymologias eguaes, mas d'essas a sciencia não faz caso. Assim, por modos muitos engraçados, se explica a etymologia de *Lindoso*, *Famalicão*, etc.; estão no mesmo caso, creio eu, as etymologias do *Minho* e *Braga*.

de tudo quanto se repete ao longe. Usam em geral uma carapuça azul; possuem muito gado, graudo e meudo; os mais pobres dedicam-se ao mister de carvoeiros. A proposito de carvoeiros, uns versos serranos que não pude recolher na integra, começam:

Os carvoeiros
São amigos dos ferreiros
Porque lhes dão nos dinheiros.

Mal chegámos á povoação, e constou que ia comnosco o habil facultativo de Ponte do Lima, o snr. Antonio Ignacio Fereira de Freitas, logo uma multidão de doentes, creanças e adultos, nos cercaram, invocando o auxilio do snr. Freitas, que de boa vontade se poz á disposição d'aquella gente, escrevendo receitas, dando medicamentos, e até praticando operações.

Nesse dia celebrou-se no Soajo um casamento, ao que lá chamam *uma bôda*. Muitos tiros de espingarda, costume vulgar em Portugal e noutros paizes, annunciaram a aproximação dos noivos. Estes, um ao lado do outro, seguiam no meio de um descante composto de tambor, requinta, etc., levando o noivo um guarda-sol aberto para lhe servir de umbella e á noiva, pois-que não chovia, nem fazia sol. O ajuntamento parou no adro da egreja, onde se cantaram estas cantigas:

A mãe da senhora noiva
Ponha-se a pé, venha ver,

Venha ver a sua filha
Que vem de se a-receber.

P'ra que le falle a verdade,
Móro das partes d'alem :
Vem de se a-receber,
Queira Deus seja p'ra bem.

O' meu pae, ó minha mãe,
Deite-me a sua benção,
Que eu me vou a-receber
Com penas do coração.

Amigos e mais amigas,
Lembrae-vos d'estes meus ais,
Agora vou-vos deixar,
Tambem deixo aos meus pais

Eu vou-vos dizer adeus,
Maj-é (mas é) com toda a rezão :
Eu vou deixar a meus paes
Com penas do coração. (5)

Como todas as povoações serranas, o Soajo é frequentemente atacado pelos lobos ; para evitar, tanto quanto possivel, esses ataques, organisam-se em cer-

(5) Sobre costumes semelhantes, vid. as minhas *Trad. populares de Portugal*, § 333.

tas epochas do anno *montarias*, onde tem obrigação de entrar armados de espingardas os moradores de diversas freguezias. Vão ordenados em grandes grupos, ao som de buzinas. Accossam os lobos de maneira que todos caiam ao *fôjo*, que é uma cova situada no vertice de um angulo constituido por duas extensas paredes em certa serra não muito longe do Soajo. Antigamente havia os cargos de *monteiros* e *monteiros-móres*; hoje são o abbade e o regedor quem representa os *monteiros* e a elles pertence receber, no sitio das Forcadas de Outeiro-maior, toda a caça de lobos feita, a qual depois se envia ao administrador ou á camara dos Arcos-de-Valle-de-Vez (6). E' crença geral que, quando se encontra uma ninhada de *lobêtes* (lobos novos), se póde, matando um, saber, pela anályse de certas veias, o numero de todos os irmãos. Tambem se pensa que, se qualquer pessoa tem sete filhas a seguir, a setima vae para *pijeira dos lobos*, (7), com a obrigação de lhes fazer a comida, conservando porém a fórma humana. A proposito do lobo, referiu-me um serrano os seguintes versos:

Eu fui *luitar* co'o lobo,
Por saber bem manobrar;
Dei-lhe co'a espada na perna

---

(6) Devo ao snr. Abbade de Soajo estas informações sobre a *montaria*.

(7) Cf. *Tradições populares de Portugal* § 319.

E da oitra fi-lo mancar;
E da *pel'* do dito lobo
Fiz vinte e quatro *juijeis* (?).
Não fallando em ôdres,
Mais vinte e cinco toneis.

Feito que respeita á decantada organisação social (homens bons, etc.), se em algum tempo a houve, não a ha hoje.

A civilisação, relativa, do Soajo resulta talvez em parte de que vae grande numero de soajeiros todos os annos para Lisboa exercer a profissão de padaria.

A affirmação de que no Soajo existia um dialecto é completamente destituida de fundamento; ha apenas differença na entonação da voz, como acontece em todas as localidades, e uma ou outra palavra ou modificação phonetica diversadas das mais terras; assim a um soajeiro ouvi dizer «quando o sol *lóz* (luz)» a outros ouvi *chûbia* (8) por *chuva*; em Tibo e Adrão, a alguma distancia do Soajo, ouvi *fanto* (por *fento*, *feto*) (9), *brusca* (10) (por *urze*), *cunca* e *cunqueiro* (por *tigela* e *louceiro*) (11), *matata* por *batata* (*m*=*b*), *ar-*

---

(8) *chûbia* é immediatamente o lat. *pluvia*. A fórma vulgar do povo port. é *chuiva*.

(9) *fanto* por *fento* (lat. *filectum*), como *lanço* etc.

(10) *brusca* encontra-se nos diccionarios. E' o Cat. Sabrusca ?

(11) *cunca*, que existe em gallego com a fórma *conca* (Dicc. de Piñol), no ant. portug. (*Elucid.* de Viterbo), e Traz-os-Montes, etc., é evidentemente o lat. *concha*.

mólho por *boi inteiro* (12), *góios* por *pedras* (no Minho *gódos*), *gadalho* (bode), *branda* (com o verbo *brandar*) por *pasto de gado*, etc.; em Castro Laboreiro, etc. diz-se *hai* por *he*, na fórma impessoal, fórma que se encontra em castelhano, em gallego e no portuguez antigo (na *Regra do glorioso patriarcha S. Bento*, ed. 1632, por exemplo); no Soajo diz-se *vénu* nazalizado) por *véu* (veiu), ás vezes *arma* por *alma* (*l*=*r*) vulgar no Minho, onde, em Guimarães, por ex., se intercala um leve *u* antes do *r* : *aurdeia*, etc.), *Mari* por *Maria*, etc.; tambem o snr. abbade do Soajo me affirmou que se dizia no Soajo *estabámos* por *estavamos* (13), mas isto não o ouvi ao povo. Corre por lá que os povos da Gavieira, na serra, não longe de Soajo, uzam um modo de fallar muito notavel, mas, sabidas as contas, o que eu pude apurar das diversas informações (porque á Gavieira não pude ir) foi que elles dão ás pessoas de respeito o tratamento de *vós*, e que tem uma entonação diversa dos soajeiros. A seguinte parlenga que se attribue a um gavieirense, e que parece estropiação de uma poesia popular, talvez de uma lamentação de choradeiras, offerece-nos o archaico *cunca*,

---

(12) *armalho* existe em gallego, etc., (e *armalho*). Cf. o fr. *aumailles*.

(13) Em gall. o 2.º *a* dos preteritos imperfeitos é tonico, o que está mais conforme com o latim. Diz-se por ex. *cantávamos*, *amávamos*, etc., em portug. por analogia com o singular, facto, vulgar na vida das linguas.

de que já fallei, e o castelhano *mi* (mio): «Ai, mi pae, chegando eu á Portella de Tibo,—Cem *baralhadas* (badaladas) ouvi dar ao sino:—Eu logo vi que era por vós, mi pae e mi filho,—Cunca de *âlqueire*, colhér de *cartilho*. (14)—Não se diz *o Soajo* mas *Soajo* (sem art.): ex. «vou a Soajo» e não: «vou ao Soajo»,—Estes factos não constituem, como disse, phase dialectal, em virtude do que a linguagem do Soajo pertence ao dialecto do Minho. (15)

A nossa estada em Soajo, da primeira vez, foi pouco demorada. Apenas demos uma refeição ao estomago, e um pequeno descanço aos musculos, continuámos a jornada com direcção á Peneda. Que extensas serranias, solitarias, juncadas de tojo, de *brusca* e de *fantos*, cortadas de ribeiros tortuosos! A pouca distancia de Soajo começou a apparecer um nevoeiro que nunca mais nos largou até á noute: ora ia, ora vinha, a fluctuar nos ares como a toga de um romano antigo; enchendo o horisonte de uma especie de fumo extenso e vagaroso, dava á Natureza o aspecto de uma vasta lareira, onde se cosinhassem comidas de gigan-

---

(14) Cf. as *Tradições pop. de Portugal*, pag, 244 e 245.

(15) Com quanto este facto seja novo para muitos, a lingua portugueza, alem dos dialectos gallego (com os seus sub-dialectos), madeirense e creolos, tem tambem alguns no proprio territorio do continente, como noutra parte mostrarei.

tes. Ao longe, entre os pesados rochedos graniticos, arredondados e volumosos, como planetas, que, perdidas as leis do equilibrio, tivessem pousado sobre a terra, erravam talvez os vultos dos lobos. Escondidos num pequeno cazebre, ao pé de cuja entrada se estendia um círculo de pedras, que algum archeologo desprevenido supporia um *cromleck*, mas que servia de accommodação aos gados, recitavam os pastores estas imprecações formidaveis contra o nevoeiro :

Foge, foge, nevoeiro,
Para a chã do outeiro
Que lá está João Branco
Com um grande carneiro !

Ergue-te, neboa, ribeiro,
Que ahi vem o Sr. S. Braz
C'uma cadellinha atráz
P'ra *guardá-las* cabritinhas ! (16)

Nós todos a cavallo, os srs. dr. Martins Sarmento, e dr. Freitas, embrulhados em mantas como dois alemtejanos, os srs. João Gomes, dr. Antonio de Lacerda e eu, embrulhados em cobertores brancos, se-

---

(16) A fórma «guardal-as» («guardal-las») está por «guardar-las» : o *r* assimile-se ao *l*, cahindo depois um dos dois, evidentemente o primeiro. O *r* não se transforma em *l* por euphonia, como afirmam tolamente a maior parte dos nossos grammaticos.

guiamos através do nevoeiro, pela serra fóra, á maneira das visões phantasticas das balladas do Norte, rapidos, a desapparecer, saltando os regatos, invadindo as leiras, numa ância extraordinaria por alcançar a Peneda.

Depois de termos passado Adrão, terra de que se diz :

Este logar de Adrão
E' um logar muito rico :
Comem as papas na cunca,
Cosinho'-nas no penico ;

e cujo nome, conforme a etymologia popular, provém de um *ladrão* que noutras eras ahi viveu, chegámos a Tibo, triste logarejo com uma capella meio demolida á entrada, e um velho carvalho descascado a servir-lhe de sentinella. Em baixo, na margem da ribeira do mesmo nome da povoação, existe um grande penedo, ao qual, quem quer saber quantos annos deve estar solteiro, atira com pedras, contando os annos pelo numero das que ficão em cima, até que cáia fóra (17).

Durante a fatigante viagem á Peneda, por despenhadeiros horriveis em que ás vezes se tornou necessario mandar os cavallos soltos adeante para não cahirem em cima de nós, e por collinas elevadissimas que se assemelham ao caminho do ceu, encontram-se diver-

(17) Cf. *Trad. pop. de Port.*, § 200.

sas variedades mineralogicas, desde o granito branco e vermelho até ao schisto, do seixo rolado ao perfeito crystal de rocha.

Nas alturas do Miradouro costumavam outr'ora os romeiros da Senhora da Peneda dar, em quanto caminhavam, um nó num giestal d'ahi (costume commum a outras terras), hoje queimado, tendo fé de que, por isso, passariam alli no anno seguinte já casados. Tambem por ahi perto, onde hoje está a capella da Varzea, havia d'antes um penedo furado em que se mettiam os defunctos da Varzea, dizendo nessa occasião os do acompanhamento: «O' irmãos de Soajo, vinde buscar este defuncto, que já cheira *coma* todos os diabos!». (18)

Perto da Peneda, no sitio da *Cova da Serpente*, fronteiro ao Paloiral, é tradição que appareceu em tempos uma enorme serpente, que foi morta; mas as abelhas, pastando as plantas que foram humedecidas pelos liquidos do corpo em decomposição, morreram em tal quantidade, que a villa de Soajo perdeu nesse anno a *dizimaria do mel*.

Era quasi noute quando entrámos na pequena povoação da Peneda; fica nas margens de um ribeiro, entre serras, e cercada de penedos de um tamanho desconforme. Nada a notabilisa senão o san-

---

(18) *Coma*, correspondente a *como*, é vulgar no povo, em gallego, e nos antigos escriptores portuguezes. Tambem ha em alguns d'esses escriptores a fórma *come*.

ctuario, relativamente formoso, da *Senhora da Peneda*, que se compõe de um *escadorio* (nome usual lá) ladeado de capellinhas como o *Bom Jesus* de Braga e o *Senhor de Mathosinhos* ao pé do Porto, e terminado em cima pelo templo. Segundo a lenda (vid. um folheto que lá se vende por 100 rs. : *Descripção do venerável sanctuario de Nossa Senhora da Peneda*,—Porto 1874, 32 pag.), a Virgem appareceu em fórma de pomba a uma pastora que apascentava o rebanho. A uma pessoa ouvi tambem que a Senhora ao alto do Miradouro atirára com a sua cacheirinha ao longe, e que cahira no sitio em que se levantou o *mosteiro* (synon. de *egreja grande*). Ouvi ainda que perto da Peneda corre uma *fonte santa*, em que se vão banhar os meninos doentes para sararem; a fonte nasceu em virtude da passagem da Virgem por ella. Crenças ingenuas e poeticas, cuja explicação é dada pela sciencia mythologica !

A romaria da Senhora da Peneda é concorridissima, não só de portuguezes, mas de gallegos, que ficam perto. Os rendimentos das esmolas são avultados, mas ainda não forão sufficientes para os mesarios mandarem compôr o diabolico caminho que conduz ao sanctuario, e que á primeira vista parece que conduz ao inferno !

Eis algumas cantigas em honra da Virgem e que um *crastejo* me dictou (algumas são communs a outras imagens) :

A Senhora da Peneda,
Tem um lenço de ouro fino,
Lavado na fonte-santa,
Enxuito ao sol divino.

A Senhora da Peneda
Tem o telhado de vidro,
Que l'o deu um brazileiro
Que se viu no mar perdido.

A Senhora da Peneda...
Que eu p'ró anno lá heide ir,
Que l'heide levar um cravo
Que do ceu me ha-de cahir.

A Senhora da Peneda
Tem uma porta pequenina,
Por via do ar da neve
Que vem de Ponte do Lima.

A Senhora da Peneda...
Que eu p'ró anno lá não vou:
Pela falta de dinheiro
Muita gente cá ficou!

Justamente pouco depois de nós, chegaram os gallegos, porque nós fomos na occasião da romagem, (meados de Setembro de 1882,): começaram immediatamente a cantar, a dançar, e a tocar a

pandeireta; estiveram grande parte da noute numa berraria descommunal, aos guinchos, e de manhã, depois da respectiva oração no templo, voltaram para a Galliza. Quasi todos tinham trazido ás costas a lenha para queimarem durante a noute. O nosso povo despreza geralmente os gallegos, d'onde até o dictado soajeiro, que não se entende muito bem:

Os gallegos não são homens,
Porque tápão a bôca quando comem;

mas este desprezo é perfeitamente injusto, pois que elles são nossos irmãos pela lingua, pelas tradições e pela raça.

Da Peneda, onde passámos a noute, regressámos a Soajo; d'aqui partimos de manhã para Ponte da Barca. Nada houve de notavel durante o regresso, senão a descoberta, na serra, de seis dolmens que o sr. Martins Sarmento, com a competencia que todos nelle reconhecem, estudou devidamente.

(APPENDICE 1.º)

Alem das tradições populares que ficam apontadas, colhi ainda outras mais, quer no Soajo, quer nas povoações visinhas. Aqui as publico tambem.

I. Cantigas dos Reis

Esta casa é faiadinha,
Faiadinha de papel;
Por muitos annos vivam
Maria mais Manuel.

Inda agora aqui cheguei,
De pô-lo pé no terreiro,
Já meu coração me disse
Que aqui mora um cavalheiro.

Inda agora aqui cheguei,
De pô-lo pé na escada,
Já meu coração me disse
Que aqui mora gente honrada.

Viva a senhora D. Eugenia,
Cereja de Remiscal,
Que nom hay oitra como ella
No reino de Portugal.

Viva a senhora Joaquina,
Cara de manto doirado,
Co'a sua formosura
Trá-lo sol atormentado.

Viva a senhora Carlota,
Raminho de salsa crua:
No meio da sua sala
Nasce o sol e põe-se a lua.

Viva a senhora Maria,
Co'a sua fita na croa,
Que l'a trouxeram os amigos
Da cidade de Lisboa.

Viva a senhora Clara,
Safatinho de confeitos;
No meio da sua sala
Tem-nos amores perfeitos.

(De Castro-Laboreiro)

II. Cantigas a S. Bento

Estas canções forão-me ditas em Soajo. O S. Bento festeja-se a 11 de Junho. A 1.ª canção canta-se noutras terras a S. Gonsalo.

Senhor S. Bento do Cando,
Feito de pau de amieiro,

Sr. S. Bento do Cando,
Feito de pau de piôrno,

Irmão das minhas tamanças,
Criado no meu lameiro.

Botae-me o vinho
Para eu beber por este côrno (19)

Sr. S. Bento do Cando,
Feito de pau de azevinho,
Tende mão na cabeça,
Em q'anto eu bebo o vinho.

Sr. S. Bento do Cando,
Feito de pau de giesta,
Enchei-me a minha barriga,
Para acabarmos co'a festa.

III. Para talhar o ar

O rapaz (ahi de 12 ou 13 annos) que me disse esta oração é de Castro-Laboreiro, e costuma elle mesmo fazer a operação de talhar, para o que traz um rozario; encontrei-o na Peneda, onde andava a pedir. Em paga das suas resas recebe dinheiro, fructas, etc. (Sabe ler).

Faz-se primeiro o signal da cruz, e depois diz-se:

Talho o ar da noite,
Talho o ar do dia,
Talho o ar do meio-dia, (20)
Talho o ar de giático (21)
Talho o ar do giática,
E do morto,
E do excommungado,
E todo o ar que anda
Por esse mundo espalhado:

Eu te desconjuro
Para as Pedras-Negras,
Para a auga coalhada, (22)
Onde não faças mal
Nem a pão nem a vinho,
E que nem se ouça cantar
Nem gallo, nem gallinha,
Nem cousa que seja viva.

---

(19) Vaso perfeitamente primitivo.
(20) que é o peior ar (disse o rapaz).
(21) Geada? Parece-me que assim o ouvi.
(22) Cf. *Trad. pop. de Portugal.* §§ 186 e 168 d.

Está-se com uma faca na mão a fazer cruzes. Conclue-se a resa assim :

Senhor, que tendes
Todo o Divino poder,
Ajudae-me a isto
Que eu co'a vossa Divina graça quero fazer.

IV. Do arco-iris

Arco das velhas,	Arco das môças
Cheio de pedras.	Cheio de roscas.

(Castro-Laboreiro)

— —

V. A S. João

O' meu S. João Baptista,
Filho da Santa Izabel !
Baptisou a Jesu-Christo,
Poz-le o nome Manoel. (Soajo)

VI. Ao Sol (fragmento)

Sôl, tu és tão forte,
Que derrete-la neve,
Que meu pé prende ! (Soajo).

VII. Cantiga

Já vi um rato a ler,
Um grillo a dá-la eschola;
Nas azas de uma formiga
Se fórma o jogo da bóla. (Ib.)

VIII. Cantiga

Atirei com balas de ouro
Ao passarinho voante:
Desgraçadinha de mim,
Que matei o meu amante! (Ib.)

IX. Dictados topicos

1. Feiticeiras de S. Jorge. C'rapucinhas de Ermêlo, Honrados do Soajo, Alcatifas (tractantes) de Adrão, mulheres honradas de Tibo, p... da Gavieira, Valentes do cu da Peneda. (Versão do Soajo).

2. Cunca de alqueire,
Colher de quartilho,
Quem quizer môças
Vá a Tibo.

(Soajo)

3. Os faquinhas de Narvaes
Villa de Castello-Branco,
Capa-rotas de Sampaio,
Pennaverdes de Lettrado,
No logar de Massagães
Hai quatro mil moradores:
Terceira parte d'elles
Todos são tolheitos (23) (aleijados)
E fumadores.

(C. Laboreiro)

X. Parlenga

As seguintes palavras, segundo disse o rapaz que m'as dictou, são em inglez (sic). Parece que ha tal ou qual relação entre ellas e o signal da cruz. Ei-las: «Por lá fé, Lábató, Trampa Phelippe, Bigóbi, Bigóbó, Cáchifi, Cáchifó...» (C. Laboreiro)

XI. Olindinha (romance)

Oléiendinha tem desejos
De ir a casa de seu pae.
—Se não tens outros desejos,
Toma o caminho e vae;

Teu marido foi á caça,
Tres dias ha-de tardar,
E da caça que elle trouxer
Eu algo te hei-de guardar.

---

(23) Cf. com este participio *tolheito* (tolhido) o gal- etc., *itoego envolve*

(vem o marido)

—P'ra onde foi Oléiendinha,
Que me não fê-lo jantar ?
—Olindinha, ó meu filho,
Teremos de a matar,
Porque a mim chamou-mep...
E a ti filho de meu pae.
—Oléiendinha não se mata,
Castigo se l'ha-de dar;
E aprompte-me esse cavallo,
Que a quero ir buscar.

Erão tres horas batidas
Estava lá a chegar.

(Diz a mãe d'ella :)

—Paridinha de tres dias,
P'ra onde a queres levar ?
—Ou parida ou por parir,
A cavallo a vou botar.
Anda mais, ó Olindinha,
Anda mais áquelle logar,
Alli não faltam gallinhas,
Nem capões p'ra t'eu matar.
—Não preciso das tuas gallinhas,
Nem também dos teus capões;
Manda-me chamar o padre,
Que me quero confessar.

(Ella deu á luz, morreu e desappareceu. Diz o marido:)

—O' menino de tres dias,
Se me puderas fallar...
Se me puderas dizer
Onde tua mãe foi parar...
—Minha mãe,não tenha pena,
Que p'rò ceu vae caminhando,
E a pêrra da minha avó
P'rò inferno vae chorando.

(Castro-Laboreiro)

XII. Romance (fragmento)

—O' pastorinha, que fazeis aqui ?
—Procuro o meu gado, aqui o perdi.
—Se aqui o perdesteis, aqui vol-o trago,
Linda pastorinha, sirvo-a seu criado.

—Criado tão nobre, com meias de seda,
Olhe que as não rompa por essa restrêva.
—Por essa restrêva tudo romperei
Só p'ra lhe dar gôsto, pastora, meu bem. (24)

(Castro-Laboreiro).

XIII. Conto gallego

(A designação *contos gallegos* é popular em Soajo para caracterisar certa classe de contos a que pertence este que um soajeiro me dictou.)

Era uma vez uma gallega, estava casada e fallava c'um estudante (i. é, tinha amores com elle) e diz ella ao home: «Ay, home, queria-che pedir um fabor, alem dos que me tens feito: que me deixasses cá vir a minha comadrinha Marquinhas dos Célos». Diz elle: «Ai, mugher, que me pedirás. que ch' eu num farei...» Pois veiu a comadre (que era o estudante) e passou lá a noite em abraços e bôdas. Depois tornou-lhe ella: «Ay, home, queria-che pedir oitro fabor, alem dos que me tens feito». Diz elle: «Ai, mugher, me pedirás, que ch'eu num farei?» Diz ella: «Que

(24) Cf. *Romanceiro* de Th. Braga, n.º 51.

que me deixasses dormir co'a minha comadrinha Marquinhas dos Célos». O home deixou, e ficou ao borralho a compor um jugo, e foi-se á cama onde estava a mulher, e põe-se elle: «Ai, Jazus, mira que q... tamanhos, ai que vou matar a minha mugher co'a roca de fiar». E o home ao outro dia foi para um campo, e chega lá a mulher e diz elle: «Arre, boi, que te parto a arma (alma) que te leva mil Diabos!» E diz a mulher: «Ai, apartarás, malvado, que assim fez a mãe da minha comadrinha Mar'quinhas de Célos, que le deu um pontapé nas réins, e atirou-le co'os riles (rins) ao cu»—E acabou-se a historia.

XIV. Etymologias populares

1. A terra de *Lindoso* chama-se assim porque em tempos houve lá um homem muito bonito a quem chamavão *linda*; mas como elle era homem, mudaram-lhe o nome para *lindoso* (Soajo).

2. Quando se formou o logar da *Gavieira*, era uma *branda* (pasto para gados), e véum (25) para alli um individuo de Valladares, da freguezia de Gave, ao qual os outros começaram a chamar *gavieiro*. D'aqui o nome da terra (Soajo).

(25) monosyllabo: *véu* (veiu).

XV. No principio do mundo

No principio do mundo fallavão todas as cousas, e tinham nomes com que se chamavão umas ás outras: d'aqui o dizermos ainda *uma pedra, um cavallo*, etc. Eram estes os nomes das cousas quando fallavão. (Soajo). (Appendice 28)

Atéqui tenho tractado de varios costumes modernos; agora vou mencionar alguns antigos. O pouco tempo, porém, de que posso dispôr obriga-me a limitar as minhas investigações apenas a dois pontos.

I

Trajos das serranas de Castro-Laboreiro (26)

(Os crastejos) «estão na sua primitiva simplicidade, sem que o luxo tenha feito aqui a mais leve alteração: homens e mulheres tem o seu respectivo uniforme de que nenhum se afasta; não ha coisa mais feia que o do sexo feminino: uma manta de saragoça, do-

(26) Já acima me referi a Castro-Laboreiro (vulgo *Crasto-Laboreiro*), que fica não longe da Peneda.—No *Foral de Villa Nova, e Gaya por el-rei o sr. D. Manoel*, em carta regia de 20 de Janeiro de 1518 (ed. do Porto, de 1823, com a orthographia do original) le-sê, entre os nomes de outras terras do Minho, o de *Crasto leboreiro*

brada, na cabeça, descendo da parte de deante até ao peito, muito cosida com o rosto, detráz, até quasi ao chão; um avental da mesma, ou mantéo, sem genero de refego, nem prega; polainas de pano branco, e uns tamancos mui altos, atados com differentes correias: é o vestuario geral de todas. As caras são de tapuias tostadas e disformes; comtudo sabem os mysterios da nossa religião, amão as coisas de Deus, e não me consta que haja no logar escandalos grosseiros» (D. Fr. Caetano Brandão,—in *Memor. para a hist. da vida do veneravel arcebispo de Braga* por A. C. do Amaral, 1818, II).

II

Medida do tempo (Soajo)

«E porque alguns senhores das casas de Araujo e da de Lobeos em Galliza, depois que se passárão ao serviço dos nossos reis, vivião neste concelho alguma

---

(pag. 24). No *Foral de Mathozinhos* de 1514 (ed. do Porto de 1823) apparece repetida a mesma fórma. Deante d' ella a etymologia de *Castro-Laboreiro* está clara: é *Castrum-Leporarium* (de *lepus,-oris*). Cfr. *Gralheira* serra, (de *gralha*), *Raposeira*, sitio em Mondim da Beira (de *raposa*), *Coelheira*, povo (de *coelho*), etc. etc.

parte do anno com regalia, inquietando-lhes (aos soajeiros) mulheres e filhas, e tomando-lhes os cães, se queixárão a el-rei, que logo lhes mandou vendessem o que elles tinhão, e não morassem mais nesta terra, nem nenhum outro fidalgo, ou poderoso em nenhum tempo tivesse nella bens, nem podesse estar de assento mais que *emquanto um pão arrefecesse no ar na ponta de uma lança*» (Carvalho, *Corografia portugueza*, ed. 1706, I, 260). O sr. Ad. Coêlho cita tambem este costume na sua *Rev. de Ethnologia e de Glottolog.*, p. 207-208, onde o compára com outros que traz J. Grimm. Nos modernos costumes portuguezes ha vestigios de medidas semilhantes, como mostrarei noutro logar.

APPENDICE 3.º

Para mais facilidade dos estudiosos a quem hei-de mandar este trabalho, dou aqui o seguinte

GLOSSARIO

de varios termos recolhidos em Soajo ou arredores

Algo (num romance). E' o cast.

Arreceber, receber. Vulgar no paiz.

Arma, alma. Noutros pontos do Minho *áurma*.

Armalho, boi inteiro.

Ascordar, acordar. Vulgar noutras terras.

Asnaes, segundo Carvalho, *Chorogr.*, I, 260, lobo grande do Soajo.

Auga, agoa. Vulgar em quasi todo Portugal.

Baralhadas, badaladas (numa parlenga popular).

Bôda, casamento. Na Beira-Alta uma *bôda* significa um grande jantar. Cfr. o *conto gallêgo*.

Branda, pasto de gado; cfr. o fr. *brande*.

Brandar, verbo deriv. de *branda*.

Brusca, urze.

Buber, beber, (Influencia da labial). Vulgar no Minho, Beira-Alta.

Cervaes, lobos mais pequenos que os asnaes, segundo Carvalho, *ib. ib.*

Che (gallego), te (num conto).

Chúbia, chuva. O mais vulgar noutros pontos é *chuiba*.

Coma, como. Muito vulgar no paiz.

Cosinho'-nas, cosinhão-as (i,-é cosinhom-nas). Vulgar no Minho.

Crastejo, habitante de Castro Laboreiro.

Croa; coroa. Vulgar no paiz todo.

Cunca, tijella. Usual noutras partes. Ha em Ervedosa do Douro um jogo chamado *da cunca*, no qual entrão muitos fragmentos de louça.

Cunqueiro, louceiro.

Enxuito, enxuto. (lat. *exsuctus*). Camões diz ainda *enxuito*.

Escadorio, escada de pedra.

Fanto, féto (i.-é *fento*). (27)

Fazendinha, conjuncto de cabras, ovelhas, etc.

Giatico, de geada?

Góios, pedra. No Minho (Briteiros, etc.) diz-se

---

(27) Os grupos *em*, *en* representão varios sons em portug.: *a) syllaba tonica* : *ân* (*lanço*=lenço. Traz-os-Montes, etc.) ; *ên* (*prênda*. Beira-Alta, etc.) ; *én* (*quénte* : Vieira no Minho) ; *éin* (*géinte*=gente. Sinfães, etc.) *iên* diphthongo, com o *i* rapido, em *quiênte*=quente (Porto. Foi o illustre profess. Julio Moreira quem me chamou a attenção para este último som, que eu, porém, tenho ouvido innumeras vezes, principalmente ás mulheres que vendem castanhas pelas ruas, na occasião em que apregôão : «*quiêntes e grandes! quiêntes!*») ; *b) syllaba átona* : *ên* (*vênder*. Beira-Alta, etc.) ; *ân* (*lançol*=lençol. B. Alta, etc.) ; *en* com e surdo (*vender*, Porto) ; *im* (*hómim* ; *vinder*. Cadaval. A um serrano de Mesio, na B. Alta, ouvi tambem *homim*) ; *e* surdo (*hóme*, *vírge*. etc. Minho, B. Alta. ect.)

gòdos na mesma accepção; no Porto já tenho ouvido (Campanhã) *godinhos*(i.-é *gudinhos*)

Gudalho, bode.

Hai, ha.

Home, homem. E' a fórma vulgar em quasi todo o paiz.

Jazús, Jezus. Vulgar noutras partes.

Juijeis, ?

Le, lhe; *l'o* (-lh'o). Vulgar noutros pontos.

Lobête. (i-é, *lubete*), deminutivo de *lobo*, como *luvete* (de *luva*), *tyrannete* (de *tyranno*) etc.

Lóz. 3.ª pess. sing. do presente indicativo do verbo *luzir*.

Luitar. lutar (lat. *luctar* cfr. *enxuito*).

Maj-é, mas é. O s entre vogaes torna-se facilmente *j*, como *Ijabel*, etc.

Matata, batata.

Mari, Maria.

Mar'quinhas, Mariquinhas. Vulgar na Beira-Alta.

Mugher é o Cast. *mujer*. O nosso povo, não podendo pronunciar o *j* castelhano, substitue-o pelo som mais proximo *g*. Dá-se isto com outros sons: por ex. o *z* castelhano de *Zorilla* é em portuguez *s* no appellido *Sorrilha* (Beira-Alta). A fórma *mugher* pertence apenas a um conto.

Mosteiro, egreja grande. Cfr. *Elucidario* de Viterbo, s. v.

Natarios, donatarios?

Nos, os (depois da nasal; assimilação do *l* da fórma arch. *los*). Vulgar no paiz todo.

Nom, não. Vulgar no Minho. E' a fòrma archaica.

Num, não. Vulgar na Beira etc.

Pijeira, (companheira de lobos). Cfr. *peeira* noutros pontos do Minho,

P'ró, para o. O som de *ao* é *ó*. No paiz quasi todo.

Reim,?(parece relacionar-se com *rim*).

Relho, peixe, segundo *Carvalho* ib., ib.

Restreva, resteva. (Epenthese de *r* entre dental e vogal, phenomeno vulgar).

Ril, rim. Vulgar na Beira-Alta, etc. (lat. *ren*: n= *l*).

Suchão, barracas cavada. no monte (sub-chão)

Tolheito, tolhido. E' fórma archaica (analogica, como o gall. *envolve ito*). cfr. Ad. Coelho. *Theor. da Conjug.*, p.131.

Véum (monosyllabo), veiu. A nasal deve explicar-se por influencia do *v* (cfr. *mòvẽis*, que ouvi a uma mulher no Minho e a um rapaz da Beira-Alta) sobre a fórma *véu*, que é archaica e ainda popular, ou pela hypothetia *veno*, cujo *n* se transformou em resonancia nasal ?

Não devo terminar o meu singelo trabralho sem tributar sinceros agradecimentos aos tres distinctos cavalheiros os srs. Dr. F. Martins Sarmento, João Gomes e Dr. Antonio de Lacerda: ao primeiro, porque foi elle quem me facilitou a occasião de ir ao Soajo; ao segundo e terceiro pelo bom agasalho que me derão, aquelle na sua quinta de Paço-Vedro, este na sua casa de Ponte-da-Barca.

FIM

—ERRATAS—

Nota 1, lin. 2, em vez de «*a lenda*» leia-se «*addenda*».

Nota 10, em vez de «*E' o Cat. Sabrusca?*» leia-se «*E' o lat. labrusca?*».

Pag. 15, lin. 11, em vez de *nma* leia-se *nma*.

Appendice 1.º, (*x Olindinha*) leia-se «*Oléindinha*« (*éin* é um diphthongo) em vez de «*Oleindinha.*»

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00020 0010